

Prólogo

Palácio Whitehall, 1564

As tochas nas paredes iluminavam os veludos, as sedas e as pedras preciosas das exuberantes roupas dos lordes e damas reunidos no imenso salão que ecoava com o som das risadas e dos sussurros, das vozes comentando as últimas novidades do reino, bem como partilhando os mais recentes boatos. A multidão barulhenta se entretinha flertando, jogando, dançando, ao mesmo tempo que procurava chamar a atenção da vibrante monarca que regia aquelas terras havia cinco anos. Elizabeth.

Entre tantas beldades, a rainha resplandecia mais do que todas. Vestida de verde-esmeralda e branco, com as mangas e o corpete cintilando com pedras preciosas, era a personificação de uma nobre regente. Desde o alto da cabeça coberta pela peruca ruiva até a barra do vestido volumoso, provava ser também uma mulher adorável. Conforme caminhava por entre os súditos, parava para cumprimentar um ou outro nobre, para favorecer um galanteador ou outro, lançando sorrisos aos afortunados.

Elizabeth Tudor, a única regente da Inglaterra, mantinha a cabeça erguida e os ombros eretos ao avaliar os que a cercavam, os cortesãos, os dignitários, os oficiais que forçavam sorrisos na esperança de obter favores reais. *Ela* usava a coroa e fazia questão de demonstrar isso a todos. Que pensassem que não tinha o direito de usar aquela coroa por ser filha ilegítima, tendo sido concebida antes de o pai se divorciar da rainha espanhola Catarina de Aragão... Nenhum deles ousava dar voz a essas opiniões.

Pouco importava no que acreditavam, nenhum deles desejava vê-la deposta, pensou ela com amargura. Não se isso pusesse em perigo as suas peles. A lembrança do reinado da meio-irmã, a devoção e as fogueiras, tudo isso ainda estava muito vívido na lembrança de todos. Aqueles que se beneficiaram com a ascensão da Igreja Reformadora dificilmente desejavam o retorno dos hábitos papais ou uma rainha

católica no trono. Por mais que se sentisse segura da lealdade dos súditos, na periferia de Londres, nos vilarejos e cidades onde a antiga fé ainda prosperava, sabia que a maioria das pessoas desejava que Mary Stuart fosse a verdadeira rainha daquele reino.

Levando um dedo delgado ao rufo no pescoço, seu sorriso falseou. A coroa não estava tão firme em sua cabeça a ponto de não oscilar de vez em quando. No entanto, a ideia de colocar a prima escocesa em seu lugar...

Mary Stuart! A simples menção desse nome a irritava. Mary Stuart, filha de James V da Escócia e bisneta de Henrique VII. Mary Stuart, que se casara com o Delfim da França e reinara como rainha por tão breve período. Após a morte do marido, ela voltara à Escócia, sua terra natal, perto de sua rival inglesa... Perto o bastante daqueles que podiam pensar em usá-la para atender às próprias necessidades. Enquanto Mary Stuart vivesse, seria uma pedra no sapato de Elizabeth. Disso ela estava ciente. Mary Stuart da Escócia seria uma ameaça constante.

— E mesmo assim não consigo providenciar a sua morte... — disse a si mesma, momentaneamente perdida em seus pensamentos.

Em vez disso preferira usar a astúcia, mesmo triste por perder o homem amado: Robert Dudley, seu querido Robin. Por medo que a Espanha conseguisse arranjar o casamento entre Mary e Don Carlos, o herdeiro espanhol, Elizabeth fizera uma proposta surpreendente por meio do enviado de Maitland. Sugerira que a adorável viúva Mary se casasse com seu favorito, Dudley.

Era um plano brilhante, que a fez sorrir mais uma vez. Seu amor e confiança em Robin eram absolutos. Se ele se casasse com sua prima, a Inglaterra teria um servo de extrema confiança na corte escocesa. Um espião, por assim dizer, a guiar as ações de Mary e reportar tudo o que ela fizesse. A rainha escocesa nem ousaria espirrar sem que isso lhe fosse relatado imediatamente. Robin faria tudo o que lhe fosse pedido. Não fora sempre assim, apesar de suas ambições? Com isso, Mary não se casaria com um príncipe católico, pondo fim a uma possível intervenção estrangeira na Inglaterra. Elizabeth recompensaria Robin tornando os filhos desse casamento

seus herdeiros ao trono. Era um plano inteligente e, na sua opinião, valia o sacrifício de perder o amado. Contudo, não ousava pensar numa brecha nesse esquema, como a possibilidade de Robin efetivamente se apaixonar pela noiva. Ela era Elizabeth! Todos os cortesãos comentavam sua beleza. Era sempre obedecida. Tudo terminaria bem.

— Majestade? — Uma voz masculina profunda a trouxe de volta ao presente, e Elizabeth viu-se fitando um par de olhos azuis como o mar.

— Perdoe-me por não me lembrar de seu nome — replicou ela, apesar de deixar o olhar passar pelo belo homem de cabelos negros. O corpo forte e imponente revelava que ele se exercitava. Aquele não era um janota afeminado. — Como se chama? — perguntou rapidamente para sanar a curiosidade.

— Edward Roarke Robert MacKinnon. — Ele lançou um sorriso que enfatizava o contraste com a pele bronzeada. — Meus amigos me chamam de Roarke.

— Roarke MacKinnon, um nome gaélico. — Elizabeth observou-o com suspeita, as reflexões a respeito de Mary ainda frescas em sua mente.

— Meu pai era escocês. Ele faleceu quando eu ainda era garoto. Fui criado na Inglaterra pela minha mãe inglesa e sua família, os Leighton. Catherine e Robert Leighton têm sido seus leais súditos, assim como eu. — Os olhos profundos, sua característica mais marcante, mantinham-se fixos nas feições de Elizabeth.

— Fala de lealdade, todavia é muito fácil dar voz a tais palavras na presença de sua rainha. Não há um homem sequer neste salão que não diria o mesmo, contudo a traição está sempre presente atrás das portas. Não sei nada a seu respeito!

— Permita, então, que eu prove a minha lealdade. Mostrarei a verdade de minhas palavras assim como fez meu avô ao arriscar a vida pleiteando a seu favor com Mary Tudor. Vossa Majestade é a minha soberana, e eu lhe servirei para sempre. — Numa saudação, tocou de leve na espada.

— Robert Leighton...

De súbito os olhos de Elizabeth se iluminaram ao se lembrar do nobre que intercedera em seu favor com sua meio-irmã na ocasião em que tentaram implicá-la num atentado à Coroa. Apesar de ameaçado de prisão, ele não a desertara. Seria o neto feito do mesmo estofa? Seria Roarke MacKinnon tão corajoso quanto Robert Leighton provara ser? Espiou-o pelo canto do olho. Ele tinha a aparência de um homem confiável.

— Minha irmã é uma de suas damas de companhia. Jeanne MacKinnon.

— Ah, sim. — Elizabeth se lembrava da moçoila miúda e sem-graça que mal parecia ter nascido do mesmo ventre que o rapagão à sua frente. Mesmo assim, era uma jovem agradável. — E sua mãe?

Uma tristeza imensa transpareceu no olhar azul.

— Minha mãe morreu há seis meses.

— Lamento muito.

Mais uma vez a rainha avaliou o belo homem diante de si. Bem-vestido e elegante, ela se lembraria dele caso precisasse de um nobre leal.

— Abram caminho! Afastem-se! Uma mensagem para a rainha!

Ante essa declaração, Roarke MacKinnon e os demais se afastaram.

Elizabeth logo notou que se tratava do mensageiro enviado à Escócia. Apressou-se em recebê-lo, ansiosa por conhecer a decisão de Mary quanto à proposta feita. Suas mãos tremiam ao desenrolar a missiva, temendo saber tanto que Mary aceitara Robin como que o rejeitara. De qualquer modo não havia como perder. Mesmo assim, estava despreparada para as palavras mordazes escritas por Maitland, ainda que ditadas pela própria monarca. Dizia ele que Mary não considerava digna uma união com um recém-intitulado nobre inglês. Mesmo se tratando do conde de Leicester, o tom da carta deixava claro que Mary não o considerava à sua altura.

Elizabeth fumegava por dentro por conta do tom condescendente nas entrelinhas da mensagem tão ricamente escrita. Ainda que ela o considerasse à altura de ser seu amante, Mary deixava claro que não aceitaria as sobras da prima. Não permitiria que um dignitário

da corte de Elizabeth se tornasse rei da Escócia, por mais tentadora que fosse a questão da sucessão ao trono por seus herdeiros. De fato, Mary sutilmente empinava o nariz na direção da Inglaterra.

— Como ousa! Como ousa? Faço uma oferta mais que generosa, prometendo meu trono quando as mãos da morte me alcançarem, e ela cospe em mim dessa forma? Atrevida... Por Deus, como a detesto! Maldita! — Suas imprecações silenciaram o salão. Todos os presentes se viraram em sua direção. Praguejando, depois gargalhando e, em seguida, chorando, deu vazão às emoções, expulsando a todos. — Saiam! Deixem-me em paz, todos vocês. Não quero que fiquem me encarando. Fora! Fora, eu já disse!

Suas ordens foram acatadas sem demora, pois Elizabeth sabia ser uma megera quando queria. Somente uma jovem ficou para trás, por causa de seu manquejar. Foi para essa dama de companhia que a rainha deu um último comando:

— Faça com que lorde Burghley venha aqui imediatamente!

— Sim, Majestade! — A moça se afastou, claudicando.

O salão ficou escuro. E silencioso. Tendo apagado todas as tochas, exceto uma, Elizabeth se acomodou para tocar o virginal. Somente a música poderia aplacar seu tumulto interior. Dedilhando as teclas, produziu uma música lúgubre que reverberou pelas paredes. Fazia cinco anos que era forçada a aceitar aquela mulher como regente da Escócia. Sim, a mais poderosa mulher da Inglaterra só podia observar enquanto outra mulher questionava seu direito ao trono. A atrevida chegara a se denominar rainha da França, da Escócia e da Inglaterra, pouco tempo antes! Bem, ela jamais se sentaria naquele trono! Jamais!

Bateu os dedos com força nas teclas, estragando a beleza da música com uma sucessão de notas discordantes.

— Mary Stuart... Essa atrevida não é páreo para mim. Ela nunca me superará! Sou Elizabeth Tudor. Desafio o perigo e a intriga. Se eu não fosse astuta, já teria sido decapitada a esta altura. Minha própria irmã o teria feito se eu não tivesse o dom da diplomacia.

— Fala somente a verdade, Majestade! — Lorde Burghley, um barbudo ruivo trajado de preto, fez uma mesura ao entrar no salão

antes de fitá-la. — Vossa Majestade é muito sábia e a melhor regente que este país já teve. — Com tais palavras tentava acalmá-la. Como secretário de Estado, ele era seu conselheiro mais confiável e seu amigo. — Agora me conte o que há de errado.

— Mary Stuart recusou minha mais benevolente oferta. Dudley... Robert, meu adorado Robin, foi rejeitado. Ela se considera boa demais para ele. — Fitou-o com tanta raiva como se tudo aquilo fosse culpa dele. — Portanto, entende o meu problema. Não teremos ouvidos amigos, nem olhos atentos na corte escocesa. E, assim como antes, temeremos que Mary despose um príncipe estrangeiro e católico. Não anseio ver a Espanha ou a França entrando em guerra comigo para garantir o trono inglês a Mary Stuart! Deus meu, deve haver um meio de evitar isso, Cecil! Ajude-me, meu mais fiel amigo... Temos de formular outro plano. Só então conseguirei voltar a sorrir.

William Cecil parou de caminhar pela sala, coçando a barba, inquieto.

— Sim, há um meio. No entanto, precisa confiar em meu parecer.

— Fale de uma vez. — Ela acenou a mão, num gesto irritadiço.

— Pelo que sei de Mary, ela é dada a arroubos de paixão. É uma monarca guiada pelo coração, não pela mente. Todos comentam que o sangue lhe corre quente nas veias. E sempre se contenta ao ver belos homens.

— E que mulher não faria isso? Mesmo eu aprecio a beleza. Não há nada de errado nisso.

— Não, se o desejo e a razão se equilibram, como a senhora aprendeu tão diligentemente. — Rapidamente ele explicou seu plano: resolvera a situação convocando Henrique Stuart, o filho do conde Lennox, um nobre escocês que vivia no exílio na Inglaterra, para retornar à sua terra natal.

— Henrique Stuart? Lorde Darnley? Cecil, perdeu o juízo? Ele também clama meu trono, já que é meu primo e de Mary! Depois de mim e dela, o pai dele é o próximo na linha de sucessão. O sangue de Henrique VII corre em suas veias por meio da linhagem Stuart. Se eles se aliarem, por certo estarei em perigo.

— Sim, se ele fosse um sujeito engenhoso. Como Vossa Majestade

bem sabe, o pai dele, Matthew Stuart, perdeu as terras ao apoiar o seu pai contra o próprio país, a Escócia. Refugiou-se na Inglaterra para escapar à ira escocesa. Agora quer regressar, sem dúvida à procura dos favores de Mary. Matthew sempre foi impetuoso. Tal pai, tal filho. Darnley logo provocará transtornos na corte escocesa, aposto minha reputação nisso.

— Se eu lhe der ouvidos nesse assunto, poderá muito bem estar arriscando a vida, não só a reputação. Entende o que digo? — A expressão dela era dura e fria.

— Sim, Majestade! Meu plano, porém, não falhará! Se ele chamar a atenção de Mary e conseguir desposá-la, acabará sendo a destruição dela, isso eu garanto. Por natureza, ele não passa de um beberrão, um mandrião, uma pessoa que conquistou diversos inimigos dada a sua vaidade e arrogância. No entanto, é também belo. É jovem e habilidoso nos esportes e no alaúde. Um belo rapaz, capaz de prender a atenção de uma mulher.

— Mas Mary verá que...

— Como posso dizer?... Ela tem a reserva de uma meretriz do porto quando se trata de amor. Quando estiver completamente apaixonada por ele, será tarde demais. Antes que se dê conta de sua tolice, terá como marido um parvo de belas feições. Um homem capaz de se vender à Inglaterra pelo preço certo, como por exemplo, a promessa de que ele, e não Mary, seja o herdeiro na sucessão. E então? — Fitou-a com um leve sorriso nos lábios.

— E se ela não cair na armadilha?

— Estaremos de volta ao ponto de partida. Nada ganho, nada perdido. Por outro lado, se formos bem-sucedidos, teremos nosso espião na Escócia. O pai de Henrique se vendeu para a Inglaterra, será que o filho não fará o mesmo? Acredito que sim.

— Um espião! — Elizabeth meneou a cabeça. — Mas e se lorde Darnley se enamorar por Mary, como ouvi acontecer com tantos outros homens?

Irritava-a ouvir os comentários sobre a beleza e a graça da rainha escocesa. Curiosa quanto à rival, certa vez questionara um mensageiro, acabando por ouvir somente elogios aos atributos de

Mary.

— Quanto a isso, não precisa se preocupar. Nosso caro lorde Darnley tem certa queda por aqueles de seu sexo. Ele é, como posso explicar... um pederasta.

Levantando o olhar, viu que Elizabeth gargalhava. Em momentos como aquele, ela o fazia se lembrar de seu pai, Henrique VIII, e estremeceu, grato por não ser o objeto do escárnio dela.

— Nossa querida prima Mary casada com um belo e jovem rapaz que não a deseja. Uma pilhéria horrorosa que bem pode se concretizar. Ela quer me desdenhar. Existe melhor modo do que levar para seu leito nupcial o filho do homem que ameaça meu trono? Ela é bem capaz de fazer isso. Ah, e vai lastimar o dia em que rejeitou meu Robin... — Lágrimas escorriam por suas faces, de tanto ela gargalhar. Rapidamente, enxugou-as e ficou séria. — Não obstante, fico feliz que não o tenha aceitado. Eu detestaria perdê-lo, ainda mais para ela.

— Eu não confiaria em Robert Dudley na Escócia. Diferentemente de Vossa Majestade, eu enxergo além dos sorrisos. A ambição dele o transformaria numa arma mais letal do que Darnley. É melhor que ele fique perto, onde pode vigiá-lo.

Ao contrário da rainha, lorde Burghley não apreciava o novo conde.

— Tampouco eu confio plenamente em Henrique Stuart — afirmou Elizabeth. Os dois jogavam uma partida de xadrez mental, e era a vez de a rainha jogar. — Sugiro que enviemos mais de um homem para a Escócia. Um homem para vigiar o nosso espião. Alguém que mantenha lorde Darnley na linha. Não preciso desse jovem se mancomunando com Mary. — A imagem de um rosto subitamente veio-lhe à mente, um rosto com um sorriso travesso e de cabelos negros. — O que acha de Roarke MacKinnon?

— MacKinnon?

— Ah! Xequemate. Estou duas jogadas à sua frente, Cecil. A mãe dele era inglesa e o pai escocês. É um Leighton pelo lado materno. Lembro-me muito bem de seu avô. Não fosse por ele, eu não estaria viva. Ele me protegeu da ira de minha irmã quando ela

considerou separar minha cabeça do meu corpo.

— São católicos, ainda que moderados.

— Um fato que muito agradará a ingênua Mary. Ele chamou minha atenção, e eu costumo julgar muito bem o caráter das pessoas. Gostei dele. Será perfeito para vigiar Mary e lorde Darnley. E... — a rainha abriu um largo sorriso — ...numa corte repleta de bárbaros, seu intelecto, astúcia e ousadia logo o tornarão o favorito de minha cara prima. Não é mesmo? Sendo inglês, ainda que parcialmente, ele sobressairá entre tantos brutos.

— Não tem como saber isso.

— Ah, tenho sim. Ele é perfeito. Faremos com que mantenha contato constante com a corte inglesa e comigo.

— Mas...

— Chega de conversa. A noite é uma criança e desejo que convoque os demais a voltarem para o salão. Teremos música e dança. Sinto o coração leve novamente, meu humor melhorou.

Sorrindo, certa de seu sucesso, Elizabeth despediu-se de lorde Burghley. Convocaria Roarke MacKinnon e se deleitaria com seu charme e bela aparência antes de enviá-lo para a corte escocesa.

Capítulo I

Escócia, 1565

O céu do meio-dia estava escuro enquanto o sol tentava escapar das nuvens cinzentas que se avolumavam numa ameaça de tempestade iminente.

Roarke MacKinnon olhou para as nuvens com irritação. Desde o início, a expedição ordenada pela rainha vinha sofrendo um atraso após o outro. O que mais poderia dar errado? O que ele não daria para dar meia-volta... Mas fora encaminhado para a Escócia sob as ordens de Elizabeth. Somente um tolo ousaria contrariar as ordens da rainha, e Roarke estava bem longe de ser um. Embora sua missão lhe deixasse um gosto amargo na boca, seguiria em frente.

Espião. Não gostava da palavra. Não era do tipo de homem que agia furtivamente, observando as pessoas e reportando cada uma de suas palavras e ações. Elizabeth lhe dissera que ele seria um emissário, mas ele sabia que essa era apenas outra denominação para a mesma função.

Não que lorde Burghley não tivesse sido bem convincente ao falar da rainha escocesa e da ameaça que ela representava para todos os ingleses. O homem seria capaz de convencer um fazendeiro de que uma ovelha era uma vaca, Roarke pensou com seus botões, bravo consigo mesmo por ter aceitado as palavras dele. Em menos de uma hora provocara seu patriotismo a ponto de fazê-lo esquecer que também tinha sangue escocês.

Brandindo a espada, ele prometeu proteger Elizabeth da megera caprichosa que reinava em Edimburgo. Agora se arrependia de suas palavras fervorosas. Não tinha nada contra Mary, muito menos apreciava a ideia de entrar em sua corte sob falsos pretextos.

Elizabeth armara o plano: Roarke deveria pedir uma audiência com a rainha a fim de solicitar que o título e as terras de seu pai lhe fossem devolvidos, jurando-lhe fidelidade. Deveria fingir uma desavença com Elizabeth e com tudo o que fosse inglês. Resumindo,

deveria encontrar um modo de ganhar a confiança de Mary para manter Elizabeth informada de tudo o que ela pensasse ou fizesse.

Roarke não gostava da missão, porém, talvez valesse a pena pelo simples fato de se distanciar da corte elisabetana. Embora fosse leal à casa dos Tudor, não era homem de apreciar as necessidades constantes de uma rainha exigente. Elizabeth era vaidosa. Não obstante ajudasse seus favoritos, poderia muito bem aniquilá-los, sem nunca demonstrar remorso. Sua corte se assemelhava a um campo de batalha onde as armas eram dinheiro, vestes finas, bela aparência e elogios vãos. Esse tipo de ambiente não servia para ele. Só lhe restava esperar que a corte escocesa lhe fosse mais agradável.

— Uma tempestade se aproxima, não? — Uma voz aguda arrancou Roarke de suas reflexões, fazendo-o olhar para o homem apontado como seu companheiro de viagem: Henrique Stuart, lorde Darnley, montado num cavalo branco em suas vestes bordadas. — Acha que encontraremos alguma taverna ou hospedaria logo à frente?

Procurando esconder seu desdém, Roarke respondeu:

— Duvido muito. Estamos no meio da Escócia desabitada, não em Londres, meu amigo.

O loiro reclamara o trajeto inteiro, deixando claro que estava acostumado ao luxo. Era dotado de uma arrogância que desmentia seus poucos dezoito anos, mas Roarke não se deixava enganar. Henrique Stuart não demonstrara respeito nem consideração pelos nove companheiros de viagem. Os modos rudes e reclamações exaltaram os ânimos, controlados somente pela sua diplomacia para manter a paz.

— Pelo amor de Deus, o que se há de fazer? Estou com fome e com sede. Eu lhe disse que deveríamos ter parado na hospedaria em Nortúmbria! Não gosto de sofrer à toa! — disse o esnobe, fitando Roarke com expressão irritada.

— Temos comida em nossa bagagem, e se sente tanta sede assim, podemos encontrar uma nascente. Ouvi dizer que *água* é muito utilizada para matar a sede...

Uma rodada de risos se fez entre os demais homens, que se

alegraram por Darnley ter encontrado um oponente à altura.

— Água?

— Sim, água.

Os dois homens que se confrontavam não poderiam ser mais diferentes. O físico musculoso de Roarke, sua franqueza e beleza morena eram a definição da masculinidade. Por sua vez, a voz de Henrique Stuart, o modo perfeito com que se vestia, mesmo os longos cílios dourados denotavam feminilidade.

— Espere até chegarmos a Edimburgo! Por certo minha prima Mary será mais prestativa que o senhor! — Darnley esporeou o cavalo e seguiu a galope.

Incitando seu garanhão negro, Roarke o seguiu. O mais sensato seria procurar abrigo antes da tempestade.

O grupo subiu a colina e se deteve para que Roarke examinasse a vista. A oeste, a terra se elevava, encontrando-se com acres de charneca. A leste viam-se penhascos, e ao norte a costa acariciava o mar. Escócia, a terra de seu pai. Como não se sentir afetado por tal paisagem? Era uma terra selvagem, mas de extrema beleza. Fazia mais de quinze anos, desde a morte do pai, que Roarke não via sua terra natal.

Seu pai fora um nobre na corte do rei escocês James V; sua mãe, uma dama de companhia enviada pela Inglaterra como um gesto de paz por parte de Henrique VIII. Com apenas um olhar Bryan MacKinnon soubera que Joanna Leighton seria a mulher de sua vida. O fato de Joanna ter outra opinião, de se considerar enamorada por um inglês tímido, pouco importara para esse nobre escocês. Não era homem de admitir um fracasso, por isso abduzira a bela rosa morena inglesa e a levava para seu castelo. Lá ela fora gentilmente cortejada e conquistada.

O romance florescera, seguido de um casamento e do nascimento do primeiro rebento. Formaram uma família feliz, e Roarke conhecera a segurança de ter dois pais amorosos, até que a obstinação de Henrique Tudor na questão do noivado de seu filho Edward com a rainha infanta Mary levava a guerra à fronteira. A “corte forçada” de Henrique, como foi chamada, foi o que iniciou a guerra entre

Escócia e Inglaterra que provocara a morte de Bryan. Arrasada, sua esposa grávida buscara o conforto do lar paterno em Nortúmbria, onde Roarke fora criado. Lá fora feliz ao lado da mãe, da irmã e dos avós, mas a lembrança de sua partida da Escócia ainda era muito forte. Naquele momento voltaria a conhecer a terra natal de seu pai.

— Vamos ficar aqui para sempre?

De novo a voz de lorde Darnley interrompeu seus pensamentos. Dessa vez, contudo, Roarke sentiu a reprimenda como merecida. O cavalo, ansioso com a aproximação da tempestade, balançava a cabeça, lembrando-o de que deviam procurar abrigo.

— Aquelas árvores mais adiante à direita devem servir como abrigo!

Um trovão se seguiu às suas palavras, e Roarke ergueu o rosto para o céu, esperando ver raios acompanhando o som agourento. Em vez disso percebeu que o ruído vinha de outro lugar.

Tropel de cavalos... Ao longe e aumentando de intensidade. Uma mancha indistinta se aproximava pela colina. Quando os cavaleiros estavam próximos, Roarke pôde ver que empunhavam escudos e espadas, não deixando dúvidas quanto às suas intenções.

— Mas que diabos...

Não houve tempo para mais palavras. Os escoceses se aproximavam rapidamente e não havia escapatória. A única coisa que restava era tentar estabelecer a paz e, caso isso falhasse, lutar.

Roarke cavalgou na direção dos homens que chegavam, balançando os braços a fim de que baixassem suas armas. Seus esforços, entretanto, foram recebidos com hostilidade, pois os escoceses se prepararam para o combate. Acima do som dos cascos, ele ouvia as batidas frenéticas de seu coração, ainda que tentasse manter a calma para deixar seus homens em formação.

O tilintar de espadas contra espadas quando Roarke entrou na briga o deixou alerta para a possibilidade de ter o crânio partido a qualquer instante pelos machados brandidos. Desviou-se a tempo de evitar uma decapitação; seu cavalo, porém, recebeu um golpe mortal, caindo e imprensando-o momentaneamente.

Mal teve tempo de se erguer e precisou se defender de um golpe.

Treinado com a espada praticamente desde que aprendera a andar, Roarke venceu o oponente com habilidade. O alívio, contudo, foi breve, pois dois outros homens o substituíram no combate.

— Darnley, ajude-me!

Seu pedido foi recebido pelos ouvidos moucos do jovem que se afastava do grupo em combate. Darnley só se importava com a própria segurança e, deixando os homens para trás, cavalgou pela colina, sem atender aos pedidos de Roarke.

Embora lutassem bravamente, Roarke e seus homens logo foram levados ao chão, ajoelhados em derrota. Um ruivo hirsuto supervisionou o grupo com desdém.

— Ingleses! — Ele cuspiu e chutou Roarke nas costelas.

— Desejo uma audiência com Mary, a rainha dos escoceses — Roarke conseguiu dizer por entre os dentes cerrados de dor. — Venho em missão de paz.

— Paz? Os ingleses desconhecem o significado dessa palavra. — O ruivo o fitava sem esconder o ódio.

— Sim, paz. — Mesmo em desvantagem, as palavras de Roarke estavam carregadas de dignidade. — Quem quer que você seja, exijo que me leve até a rainha. Estávamos a caminho de Edimburgo e do Palácio Holyrood... — Suas palavras foram interrompidas pelas gargalhadas dos homens.

— Exige! Ninguém se atreve a exigir nada de Angus Gowrie. Estas terras e tudo o que há sobre elas me pertencem. Não pode me dar ordens.

Angus Gowrie. Roarke se lembrava desse nome. Ele era conhecido por ser implacável, o tipo de homem que matava por prazer. Eram poucas as chances de encontrar misericórdia ali. Quanta ironia, Roarke pensou... Voltara à Escócia somente para encontrar sua morte. Impassível, procurou manter a coragem. Não imploraria. Se o pior acontecesse, enfrentaria sua execução com bravura. No entanto, não desistiria de procurar um meio de fugir.

Levantou-se devagar e enfrentou o olhar do escocês.

— O que pretende fazer conosco? — Seu olhar passou da espada do oponente para a sua, caída no chão.

Percebendo a direção do seu olhar, Angus sorriu.

— Nem pense que poderá colocar as mãos nela. Não precisará de sua espada no lugar aonde será levado.

— Para onde nos levará? — Roarke sentiu uma centelha de esperança. Se saíssem dali, talvez surgisse uma oportunidade de fuga.

A resposta foi acompanhada por um empurrão que derrubou Roarke mais uma vez.

— Ao meu calabouço! São prisioneiros de Angus Gowrie. Pelo menos até se tornarem comida para os corvos.

Roarke foi arrastado junto dos outros cinco que sobreviveram ao combate.

A chuva caía incessantemente, batendo no parapeito da janela enquanto Kylvynn Gowrie permanecia diante do fuso. Olhando pela janela, viu uma sucessão de raios iluminando o céu, e os ecos dos trovões provocaram calafrios em sua espinha.

Detestava tempestades, pois lhe pareciam agourentas. Num dia como aquele seu irmão fora assassinado, vítima de uma das várias contendas entre clãs que pipocavam nas Terras Altas. Paz era uma palavra praticamente desconhecida na Escócia. Mesmo as Terras Baixas se viam envolvidas pela violência. Para ela, era uma situação difícil de entender.

Num esforço para afastar tais pensamentos, concentrou-se em girar o fuso, inclinando-se sobre a roca enquanto os dedos se moviam com destreza. Mechas de cabelo castanho-avermelhado caíam em cascata sobre seus ombros e arriscavam-se a se enroscar nas fibras, por isso ela as afastou. Normalmente usava uma touca de linho, mas naquele dia deixara-os soltos, numa lembrança de dias mais felizes.

Kylvynn trabalhou na roca até sentir dores nas costas e os dedos sensíveis, depois pegou o bordado. Tais trabalhos femininos eram sua única distração, embora houvesse um tempo em que se entretinha lendo. Angus Gowrie lhe proibira tal luxo, pelo menos enquanto estivesse dentro dos muros de sua propriedade.

Talvez ele se ressentisse de sua paixão pelo aprendizado, ela

concluiu, procurando encontrar uma desculpa para a atitude rude. Ou quem sabe menosprezasse seus esforços de aprendizagem por não saber nem mesmo assinar o nome. Kylynn se oferecera para ensinar, desejando compartilhar seus conhecimentos, mas o orgulho dele falara mais alto. Não tocaram mais no assunto.

Kylynn lamentara ter de guardar seus livros num baú escondido do outro lado do castelo. Nunca mais os lera. Angus era severo e inflexível, e estava determinado a banir qualquer outra coisa de sua mente que não o presente por ele controlado. A única saída para Kylynn era mergulhar nas lembranças em seu coração.

Lágrimas subitamente umedeceram os lindos olhos verdes, mas ela se apressou a enxugá-las. Não se deixaria levar pela autopiedade. Não valia a pena. Mesmo assim não conseguia esquecer os dias felizes de outrora. Como dama de companhia da rainha Mary, passara boa parte de seus vinte e um anos na França, onde havia alegria e espontaneidade, onde a gentileza e as boas maneiras eram apreciadas. Sua vida mudara radicalmente desde o regresso para as Terras Baixas escocesas.

Havia momentos em que se perguntava como havia nascido em terras tão agrestes. No princípio sentira falta da cultura, da música, do contentamento experimentado em terras estrangeiras, mas acabara por se resignar ao seu destino. Não havia mais nada a fazer. Tentava, portanto, tirar o melhor da situação, fazer o possível para preservar seu sorriso, ainda que houvesse poucos motivos para rir em sua vida atual. Havia momentos em que se sentia verdadeiramente infeliz.

Outro trovão ribombou, mais forte que os anteriores, assustando o cão de caça que cochilava perto da lareira. Erguendo-se nas patas traseiras, ele se espreguiçou, caminhou para junto de Kylynn e esfregou o focinho em seu colo, pedindo carinho.

— Às vezes você é meu único amigo, Usquebaugh — disse ela, afagando-o entre as orelhas. — Não sei o que eu faria sem você.

O nome do cachorro era a palavra gaélica para “uíque”, em referência à cor dourada singular do animal.

— Nem mesmo Angus ousa me ferir quando você está por perto. — Teria sido essa a intenção de Mary ao lhe presentear com o

animal? Era bem possível, visto que a rainha se horrorizava com os modos de seu marido, referindo-se a ele como “o bárbaro”.

Não que ele a surrasse. Não, ele não batia nela, mesmo que fosse seu direito como marido. A crueldade dele era mais sutil. Por vezes ela tinha certeza de que ele estava determinado a destruir sua alma, a fim de que qualquer traço da mulher que fora um dia desaparecesse. Kylynn chegara a um ponto em que raramente sorria.

E mesmo assim, era impossível não ver como ela era adorável. Não havia um homem sequer no castelo que não reconhecesse sua beleza, embora nenhum deles declarasse isso abertamente. O mais atraente era a aura de inocência que dela emanava, a total falta de vaidade. Os dois últimos anos na companhia de Angus bastaram para acabar com esse tipo de frivolidade. Os vestidos elegantes usados na França pertenciam a outra vida.

Kylynn levantou-se e caminhou até a janela, seguida pelo cão que balançava a cauda. Tal qual a dona, Usquebaugh detestava temporais e trovoadas.

— A tempestade acabou, a chuva já diminuiu — disse ela ao ver uns facho de sol querendo aparecer entre as nuvens. Ao longe se avistava um arco-íris. — Tão lindo... — Pela primeira vez em muito tempo Kylynn sorriu. — Meu pai costumava me prometer que um dia me levaria até o fim do arco-íris à procura de seus mistérios. Ele me dizia que havia esmeraldas, safiras e rubis lá, que eram as joias que formavam as cores. Talvez um dia eu descubra a verdade.

Usquebaugh latiu em resposta e Kylynn podia jurar que ele a entendia. Isso a fez rir. Angus a consideraria louca se a visse conversando com o cachorro. Mas Usquebaugh não a compreendia melhor que o marido?

Angus era um enigma. Embora Kylynn tivesse tentado conquistar o seu amor, falhara. Talvez ele não tivesse coração, refletiu. Por certo jamais lhe dera indícios de que havia mais do que apenas uma pedra entre os músculos do peito.

Castigando-se mentalmente por tais pensamentos, Kylynn tirou-os da mente, pelo menos por um instante. Angus estava longe do castelo e, com isso, ela estava livre de seus olhos perscrutadores.

Apoiando-se no parapeito, inspirou o ar fresco, admirando as pastagens que agora brilhavam com a umidade da chuva. Ainda se maravilhava com a beleza do campo. Em momentos como aquele imaginava que, se as coisas fossem diferentes, ela poderia ser feliz. A Escócia era uma terra abençoada com sua beleza indomada que nem mesmo a graça dos bem-podados jardins franceses poderia rivalizar. Os lagos, os penhascos, tudo tinha seu charme secreto.

Ela dobrou o pescoço para ter uma melhor visão das colinas e uma surpresa a recebeu: cavaleiros se aproximavam do oeste, suas silhuetas delineadas no horizonte. Perceber que Angus retornava antes do previsto provocou-lhe uma onda de culpa, pois não acolhia seu regresso, temia-o.

Junto dos cavaleiros com seus estandartes pretos e vermelhos, Kylynn notou outras figuras. Só podiam ser prisioneiros, pelo modo como eram vigiados de perto. Perguntou-se quem seriam e o que teriam feito. Apiedava-se de qualquer um que cruzasse o caminho de Angus e que acabasse em seu calabouço. Por certo acabariam definhando ali, pois o marido não era dado a atos de misericórdia.

Um grito do vigia anunciou a chegada dos cavaleiros aos portões do castelo, e Kylynn sentiu as mãos trêmulas. Já podia ver Angus claramente e suas feições severas parcialmente escondidas pelo elmo. Atrás dele cavalgavam os outros, tão sérios quanto o dono do castelo. E entre eles vinham homens surrados, machucados, ensanguentados. Sentiu compaixão por cada um deles. De certo modo, ela também era prisioneira, proibida de sair do castelo a menos que estivesse na companhia de Angus ou de um séquito de guardas. Não podia sequer ter o prazer de cavalgar se o marido não permitisse. Como não se apiedar daqueles homens?

Um deles em particular chamou sua atenção, talvez porque, ao contrário dos demais, mantinha a cabeça erguida. Aquele homem tinha ares de quem desafiava a derrota, e Kylynn só podia admirar a força que ele demonstrava. Não demoraria, porém, para que as privações do calabouço dizimassem sua coragem. Isso a incomodou e aumentou sua curiosidade no que se referia ao moreno. Se pudesse conversar com ele... Mas de que modo? Já imaginava que tipo de

castigo Angus lhe imputaria por conta somente de seus pensamentos.

— Não! — Afastou uma mecha do rosto. Devia estar perdendo o juízo por sequer contemplar tal coisa. Contudo... que mal havia em tentar descobrir algo sobre o rapaz desconhecido?

Repentinamente revigorada pelo seu desejo, Kylynn alisou o vestido marrom e desceu as escadas para acolher os recém-chegados. Havia trabalho a fazer. Depois de tantos dias na estrada, os soldados deviam estar famintos e sedentos. Por causa da frugalidade de Angus, havia poucos servos no castelo e era esperado que Kylynn fizesse boa parte do trabalho, além de supervisionar a cozinha e o conforto dos visitantes. Se antes ela se ressentia de seus afazeres, hoje isso representaria certo conforto aos prisioneiros. E lhe permitiria olhar mais de perto um deles.

— Jamie, coloque lombo de cordeiro para assar. Malcolm, traga dois barris de cerveja do depósito. Depressa. Angus está chegando.

Como de costume, a simples menção do senhor bastou para que se apressassem. Antes que as portas do salão se abrissem, já havia um cozido sendo preparado e as mesas estavam postas no centro do cômodo, repletas de vegetais e frutas, as tochas das paredes acesas.

Os soldados adentraram o salão num enxame. Angus caminhou até seu lugar na cabeceira da mesa, sem cumprimentar Kylynn. Servindo-se vez após outra de canecas de cerveja, logo saciou a sede. Só então Kylynn se aventurou a falar:

— Vi seu regresso pela janela. Parece que andaram se envolvendo numa contenda. Rezo para que não tenha havido baixas. — Pegando uma maçã, manteve os olhos baixos. — Quem são os homens que trouxe? Saqueadores que flagrou roubando de suas terras?

— Baixas? Tivemos duas: Duncan e Olin. Não lutavam bem, devo admitir para minha vergonha. — Seus olhos estavam iluminados pelas tochas. — Quanto aos prisioneiros, não são saqueadores, são ingleses.

— E eles o atacaram?

— São ingleses. Suas vestes os traíram. Isso basta. Não permitirei que pisem em minhas terras! — Angus enfatizou a declaração batendo com a caneca na mesa.

— Pretende pedir resgate? — Ainda que pressentisse o mau humor do marido, ela prosseguiu, ansiosa por descobrir mais.

— Resgate? Não. Eles se juntarão aos ratos e vermes do calabouço. Não preciso de dinheiro. — Fitou-a com a expressão inescrutável.

— Então os condena à morte? — Kylynn quase engasgou ao fazer a pergunta. Rezava para que não houvesse derramamento de sangue.

— Minha espada não os tocará. Deixarei que o tempo seja o algoz.

Era o que ela temia. Uma morte lenta era muito mais torturante. Não poderia permitir tal coisa. Nenhum ser humano civilizado o faria. Ninguém merecia definhar por ter nascido do outro lado da fronteira.

— Apesar de que eu adoraria ver o inglês de cabelos escuros se rebaixar. Não se mostraria tão arrogante na ponta de uma corda — Angus prosseguiu.

— O inglês de cabelos escuros? — Só de mencionar o homem, Kylynn sentiu o coração bater mais forte. — Quem é ele?

— Não sei e nem quero saber. Um inglês é um inglês, e só. — Intrigado, levantou uma sobrancelha. — Por que se preocupa com ele? — Estreitando o olhar, comprimiu os lábios.

— Não me preocupo. Só tentava manter uma conversação, milorde. Não permite que eu toque em assuntos religiosos, ou da França, nem sequer da rainha. Por certo preciso falar de alguma coisa ou manter meu silêncio. Peço perdão se o ofendi com minha tagarelice feminina. Não é todo dia que temos *convidados* estrangeiros.

Sua resposta provocou o riso dos soldados.

— Não minta para mim! Notei sua expressão. Seus olhos perceberam o moreno do alto da janela. Não foi isso?

Os olhos cinzentos procuravam perfurar-lhe a alma. Somente com muito autocontrole Kylynn conseguiu manter a compostura.

— Se suas acusações não fossem tão tolas, eu me ofenderia, milorde. Não tenho interesse algum pelo inglês. Deixemos esse assunto de lado.

Ansiosa por mudar de assunto a fim de não se trair, Kylynn pediu que o bardo iniciasse uma canção, uma que declamasse a bravura de Gowrie. Não se falou mais disso, apesar de ela observar vez ou outra as mudanças no rosto do marido, que denunciava a quantidade de bebida ingerida. Uma hora se passou, depois mais uma, e mais outra. Por fim o ronco forte do marido indicou que ela estava livre para se retirar. Angus Gowrie estava alheio a tudo mais que não fossem seus sonhos inspirados pela cerveja.

Kylynn juntou o que pôde das sobras de carneiro, encheu a saia de maçãs e frutos silvestres e equilibrou um pequeno barril de cerveja no quadril antes de iniciar a descida escorregadia pelos degraus que levavam ao calabouço.